

Artigo Original

Resguardo Egoico: Um Estudo de Caso

Egoistic Protection: A Case Study

Resguardo Egoico: Un Estudio de Caso

Diogo Telles Dias de Moura*

* Acadêmico de Medicina. Voluntário do Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC).
diogotdmoura@gmail.com

Palavras-chave

Autoimagem
 Isolamento
 Posicionamento

Keywords

Isolation
 Positioning
 Self-image

Palabras-clave

Aislamiento
 Auto-imagem
 Posicionamiento

Resumo:

O artigo aborda as experiências do autor ao assumir a vivência do paradigma consciencial. O objetivo é compartilhar experiências e apresentar possíveis abordagens de superação do autoisolamento, surgidas frente à decisão de assumir a teática conscienciológica. O texto traz, inicialmente, o desenrolar cronológico do surgimento desse estado nosográfico. Posteriormente, apresenta a autoconscientização do isolamento, explorando atitudes necessárias para a autossuperação. A Metodologia de estudo constitui-se de autorreflexões, heterocríticas, anotações pessoais e consulta bibliográfica acerca do tema. Enquanto resultado, obteve-se a mudança da maneira de enxergar a problemática do isolamento, assumindo uma ótica pró-evolutiva que se dirige ao convívio interassistencial. Do mesmo modo, houve superações práticas de maior entrosamento interconsciencial, angariando ganhos evolutivos pessoais e grupais. Espera-se que o texto possa auxiliar no despertamento de consciências interessadas na autoevolução, que se encontram presas aos próprios referenciais egoicos e que tenham dificuldade de convivência, ao tentar vivenciar o paradigma consciencial.

Abstract:

The article approaches the author's experiences, when assuming the existence of the consciencial paradigm. The objective is to share experiences and to present possible approaches to overcome self-isolation, arisen front the decision of assuming the conscienciological theorice. The text brings, initially, the chronological uncoiling of the appearance of that nosographic state. Later, it presents the acquired self-knowledge of the isolation, exploring necessary attitudes for self-passing. The study Methodology is constituted of self-reflections, heterocritics, personal annotations and bibliographical consultation concerning the theme. Whereas result, was obtained the change in the way of seeing the problem of isolation, assuming a pro-evolutionary optics that directs to interassistencial conviviality. In the same way, there was practical overcoming of greater interconsciencial adjustment, enticing evolutionary personal and in group gains. It is hoped that the text can aid in the awakening of consciences interested in self-evolution, that are prisoner, to their own egoistic referentials and that have conviviality difficulty, when trying to live the consciencial paradigm.

Resumen:

El artículo aborda las experiencias del autor al asumir la vivencia del paradigma consciencial. El objetivo es compartir las experiencias y presentar posibles abordajes de superación del auto-aislamiento, surgidas frente a la decisión de asumir la teática conscienciológica. El texto presenta, inicialmente, el desarrollar cronológico del surgimiento de ese estado nosográfico. Y posteriormente, la autoconcientización del aislamiento, explorando actitudes necesarias para la auto-superación. La Metodología de estudio se basa en autorreflexiones, heterocríticas, anotaciones personales y consultas bibliográficas acerca del tema. Como resultado, se obtuvo el cambio en la manera de ver la problemática del aislamiento, asumiendo una óptica pro-evolutiva, direccionada a la convivencia interasistencial. Del mismo modo, hubo superaciones prácticas de mayor engranaje interconsciencial, accediendo a ganancias evolutivas personales y grupales. Se espera que el texto pueda auxiliar en el despertamiento de consciencias interesadas en la autoevolución, que se encuentran sujetas a los propios referenciales egoicos, y a quienes tengan dificultad de convivencia, al intentar vivenciar el paradigma consciencial.

Artigo recebido em: 12.02.2014.

Aprovado para publicação em: 04.06.2015.

INTRODUÇÃO

Autoexperimentação. O presente artigo trata das experiências do autor ao assumir a vivência do paradigma consciencial.

Paradigma. O paradigma consciencial é o método de estudo que se dedica ao entendimento da consciência, da personalidade, do *self*, ou do *ego*, levando em consideração estes cinco aspectos, listados a seguir em ordem funcional: multidimensionalidade, seriéxis, bioenergias, autopesquisa, descrenciologia.

Objetivos. O objetivo deste artigo é compartilhar as experiências autistas vivenciadas e também apresentar possíveis abordagens de autossuperação para o isolamento enquanto protecionismo do *ego*.

Justificativa. A escolha do tema, no atual momento, é o de maior prioridade evolutiva para o autor-pesquisador, dentre os seus temas de reciclagens necessárias.

Metodologia. O artigo foi elaborado a partir de autorreflexões do autor, das heterocríticas recebidas de amigos e familiares, das anotações pessoais, e da pesquisa bibliográfica específica do tema. A autopesquisa ocorreu durante o período do segundo semestre de 2012.

Autorreflexões. As reflexões pessoais, na maioria, foram realizadas sem uso de técnica específica, consistindo de momentos de autorreflexão sem programação determinada, em que o autor se colocava à autopesquisa de acordo com as necessidades do contexto ou de acordo com a inspiração de amparo extrafísico.

Autoconsciencioterapia. Fazendo analogia às fases da Autoconsciencioterapia: autoinvestigação, auto-diagnóstico, autoenfrentamento e autossuperação, a problemática do autor se encontra na fase de autoenfrentamento. Parte dos aspectos em algum nível foi superado. No entanto, o problema, no todo, ainda se encontra na fase de superação.

Estruturação. O desenvolvimento do texto está estruturado em duas seções:

1. **Problemática:** na qual serão tratados os problemas do autor.
2. **Viragem:** na qual serão apresentadas condutas para modificar esse estado de autoisolamento patológico, e alguns resultados obtidos até o momento.

I. PROBLEMÁTICA

Agradar. O autor possui, desde tenra idade da atual existência intrafísica a característica de querer agradecer todas as pessoas. A seguir encontram-se dois exemplos ilustrativos, listados em ordem alfabética:

1. **Conversas.** Hábito de concordar acriticamente com os seus interlocutores nas conversas e de se sentir desconfortável para realizar indagações na maioria das ocasiões.

2. **Convites.** Quando criança, custava negar um convite para dormir em casa de amigo, por mais que não estivesse motivado ou disposto. Quando adolescente, encontrava a mesma dificuldade para não participar ou para se ausentar de encontros dos quais não estava interessado.

Carência. Tal característica está imbuída do desejo de manter com as pessoas um vínculo afetivo-emocional sem atritos, de modo a não causar reatividade emocional contrária no outro. Busca-se, assim, que as pessoas do convívio interpessoal mantenham a melhor impressão afetiva possível. Tal comportamento demonstra a acentuada carência emocional da consciência.

Errofofia. Como consequência do ato de querer agradar a todos há o medo de errar perante os outros. Esse medo origina a insegurança no convívio com os demais e é produzido pela demasiada preocupação com a autoimagem.

Incompletismo. Ainda visando manter autoimagem idealizada, há também o medo de errar consigo mesmo, ou seja, o medo de não concretizar os próprios objetivos e de enxergar-se como incompletista existencial. Esses temores geram excessiva autocobrança e realimentam a insegurança na convivialidade.

Autoimagem. A autoimagem é a representação pensênica que a consciência faz de si mesma. É cosmoeiticamente neutra e uma ferramenta evolutiva. No entanto, a consciência pode manter uma imagem patologicamente idealizada de si mesma.

Egoísmo. A excessiva preocupação com a autoimagem é um componente do egoísmo, reflexo de uma tendência em colocar a atenção exclusivamente em si mesmo. Nesse caso, a ânsia de não se ver como incompletista existencial e, principalmente, a atitude de agradar os outros nada mais são que um esforço egoísta para que se tenha a autoimagem preservada, pois ambas têm como interesse evitar que o ego seja desvalorizado. Assim, na personalidade egoíca, os outros são secundários ao ego pessoal.

Tacon. Nesse modo de funcionar, não há predisposição para esclarecer os aspectos trarafísticos das pessoas. Pelo contrário, a tendência é manter o interlocutor em sua zona de conforto, havendo, portanto, o predomínio da tacon sobre a tares.

Acumpliciamiento. A preocupação quanto à autoimagem leva à busca por ser aceito dentro dos grupos de convívio social. A necessidade da manutenção dessa identidade grupal pode ser de intensidade tal que sobrepuje os próprios valores. Assim, o indivíduo se acumplicia a atitudes grupais dissonantes das convicções pessoais, mesmo que sejam nosográficas, a fim de se manter inserido e aceito no respectivo círculo social.

Convicção. Ao conhecer a Conscienciologia, o autor estava convicto de que assumiria ter as próprias experiências dentro do paradigma consciencial.

Confronto. Contudo, algumas características desse paradigma confrontam valores sociais arraigados, seja no âmbito da ciência convencional ou da religião. Eis, a título de exemplo, cinco características antagônicas a tais valores, listadas em ordem alfabética:

1. **Autoexperimentos.** Os experimentos pessoais realizados em laboratório conscienciológico.
2. **Autopesquisa.** As autopesquisas acerca da multidimensionalidade, da multiexistencialidade e do holossoma.
3. **Parapsiquismo.** Autopesquisas parapsíquicas e energéticas.
4. **Princípio da descrença.** O exercício da descrenciologia.
5. **Tares.** A tarefa do esclarecimento.

Minoria. Considerando que dentro da sociedade as consciências são, na maioria, norteadas pelos pressupostos dessas duas vertentes, dificilmente se encontram indivíduos dispostos a dialogar abertamente sobre os mesmos tipos de questões abordadas pela Conscienciologia.

Antagonismo. Dessa forma, o paradigma consciencial se mostra desconfortável para considerável parcela das pessoas da sociedade, e antagônico à condição do autor de querer agradar a todos.

Ampliação. Na leitura do paradigma consciencial feita pelo autor, os aspectos trarafísticos das consciências, ou os aspectos que necessitariam de reciclagem existencial, aparentemente se multiplicaram. Os pontos a serem abordados na consciência foram amplificados por esse novo contexto que, além da intrafisicalidade, leva em conta a multidimensionalidade, a multiexistencialidade e o holossoma. Desse modo, a disponibilidade para a tares, que não era ampla, acabou regredindo.

Isolamento. Gradativamente, o autor assumiu atitude de evitar o confronto desse antagonismo: o isolamento.

Insegurança. O isolamento surgiu na condição de ferramenta inconsciente para evitar a insegurança no convívio com outras personalidades, o que garantia, mesmo que de maneira ilusória, relativa segurança intrapsíquica.

Promotores. Para manter a condição de isolamento, um conjunto de pensões e atitudes de caráter patológico atuaram ao modo de mecanismos de defesa do ego, promovendo a permanência do autor nesta condição. Tais posturas são expostas no decorrer da seção *Problemática*.

Imaturidade. A comunicação sobre assuntos psíquicos era abordada de maneira exagerada e imatura com aqueles que mostravam curiosidade no paradigma psíquico. O pesquisador não se atinha ao cenário do outro e às questões relacionadas com o momento, a forma e o conteúdo da mensagem. Assim, tratando inapropriadamente assunto de interesse pessoal com consciências menos motivadas pela temática, buscava-se frustradamente suprir a carência de identidade de grupo.

Autovitimização. Internamente instalava-se uma angústia latente por não poder ser compreendido pela sociedade intrapsíquica (Socin). Entretanto, buscava se inserir em um contexto patológico, engessado pela ótica da ciência convencional e pela visão religiosa, que anulam novas abordagens racionais da realidade psíquica.

Sujeição. Existia o receio interno de se submeter às ideias alheias de modo a acumpliciar-se com os demais e a restringir a própria autonomia, ou seja, havia temor de deixar sujeitar-se às *coleiras do ego*.

Fuga. Como forma de lidar com o receio de acumpliciamientos e com a autoinsegurança conviviológica, foi construído o desprezo por eventos mundanos, resultando até mesmo na dificuldade em participar de assuntos banais. Esse fato constituía fuga do contexto grupocármico pessoal a fim de preservar alguma distância para a proteção íntima.

Indiferença. O uso frequente de fones de ouvido, no caso particular do autor, transmitindo conteúdos referentes a consciência e multidimensionalidade, o tornava indiferente às pessoas de convívio cotidiano.

Pressa. A preocupação de concretizar os objetivos pessoais proexológicos aliada ao receio de deixar o momento evolutivo passar e de perder a oportunidade de aplicar a inversão existencial (invéxis), demonstravam a pressa do autor em evoluir.

Antiuniversalismo. Por meio de tais posturas os outros eram vistos qual massa impensante robotizada e considerados coadjuvantes antievolutivos. No cotidiano, a disposição para a convivência com os demais se reduzia a heterocríticas dentro do monólogo interno. Assim, o holopensene pessoal se intoxica com patopensões carregados de cunho assediador, sectário, elitista, e antiuniversalista.

Recins. Apesar de excessivo, o isolamento auxiliou no processo de tornar consciente a necessidade de realizar reciclagens. As reciclagens apontavam para a superação da inibição comunicativa, que parecia, inicialmente, estar restritamente relacionada à fobia de falar em público. Apontavam também, e principalmente, para a importância de investir no desenvolvimento energético e parapsíquico.

Dedicação. A partir das autorreflexões houve dedicação para realizar a recin. Contudo, o perfeccionismo, derivado do egoísmo e do medo de errar atua de forma a tornar a dinâmica autoevolutiva enrijecida e inflexível. Deixa-se de se envolver diretamente com o conteúdo das reciclagens. Portanto, envolve-se apenas de maneira superficial com os problemas pessoais, se atendo somente à técnica e à forma da reciclagem.

Pseudocontrole. Visa-se apenas cumprir a agenda dos compromissos pessoais de autopesquisa, ao modo de um superficial e automático *bater-cartão* dos horários pessoais da autopesquisa, sem realmente trazer

à tona o âmago das próprias pesquisas, de maneira que o cronograma pessoal, que deveria ser um instrumento evolutivo, passa a ser uma escravidão autoimposta, um cômodo pseudocontrole do próprio *tique-taque* evolutivo.

Anticosmovisiologia. O perfeccionismo restringe o convívio consciencial, pois no intuito de guardar tempo para dedicar-se nas autossuperações, a relação com os demais se torna lacônica. Dessa forma, reflete-se a ausência de cosmovisão, já que muitos aspectos da própria consciência podem, ou devem, ser trabalhados no convívio interpessoal.

Exemplos. A indignação ao ser abordado nos momentos de dedicação pessoal, a indisponibilidade para tratar das demandas alheias, a dificuldade em fazer concessões que perturbassem o cuidado com o egocarma formam exemplos da falta de *jogo de cintura* do autor.

Sacralização. As mais simples práticas parapsíquicas e autorreflexivas foram sacralizadas, servindo de desculpa a si mesmo para se justificar quanto à ausência com os demais, ou seja, a dedicação à evolução consciencial e ao egocarma foi utilizada qual álibi particular para qualquer demanda não atendida.

Egoísmo. O vício na visão *de si mesmo e para si mesmo* provoca cegueira quanto à interassistência e causa acúmulo de omissões deficitárias, aprofundando interprisões grupocármicas. O ego vai além do egocentrismo compulsório, ficando aquém do mínimo de convívio necessário com o grupocarma, ou seja, dedica-se mais do que seria necessário para o cuidado obrigatório, ou compulsório, do ego pessoal, exaurindo o tempo de convívio com a grupocarmalidade.

Redoma. No cuidado protecionista com o egocarma, ao afastar-se dos demais, é autoimposta uma redoma, consolidando-a no próprio entorno. Tal zelo é semelhante ao dispensado às estatuetas santas, as quais permanecem resguardadas pela cúpula vítrea contra as impurezas do ambiente.

Inautenticidade. Havia a intenção de realizar interassistência. Porém, o egoísmo, bem como a falta de lucidez e de visão de conjunto, direcionavam para uma assistência inautêntica. O *assistente* restringia deliberadamente o tempo, o local e o modo da assistência, os quais não iam além do estático *modus operandi* do autor.

Arrogância. Manifestações de arrogância se evidenciam quando se transfere a incapacidade pessoal de realizar interassistência para as limitações e tráfegos do outro. Mostram-se presentes, também, ao desdenhar os *feedbacks* dados pelas consciências consideradas robotizadas.

Saturação. A manifestação inautêntica com os indivíduos de convívio social fez com que a pensenização verbalizada fluísse por completo apenas àqueles de maior intimidade, criticando-os constantemente acerca das futilidades da vivência mundana.

Teoricão. Portanto, o autor se fazia de dono da verdade, julgando os outros a partir de ideias que ele mesmo não vivenciava. No entanto, em relação à vivência do paradigma consciencial, estava muito mais próximo daqueles que criticava do que poderia suportar. Permanecendo nessas atitudes inautênticas e dogmáticas, estava mais conectado à teoria do que à prática, o que demonstrava a ausência de Verbaciologia e Descenciologia.

Voluntariado. O dogmatismo, na opinião do autor, encontrou afinidade dentre alguns voluntários da *Instituição Conscienciocêntrica* (IC) em que voluntariava, de modo que ele e voluntários se acumpliciaram nesse traço. Frases, de voluntários, como “*É claro que você é intermissivista!*” ou “*É claro que você é inversor!*”, na casuística particular do pesquisador, auxiliavam a promover o dogmatismo pessoal.

Responsabilidade. Ressalta-se, entretanto, que o autor reconhece que as ações próprias são de sua inteira responsabilidade e que em nenhum momento foi forçado ou pressionado a tomar atitudes.

Autocorrupção. O predomínio da teoria sobre a prática se evidenciava durante a mobilização energética, em que, na grande maioria das vezes, ocorria a movimentação meramente imaginativa. Porém, a imaginação era interpretada como vivência prática, caracterizando a autocorrupção do autor.

Cascagrossismo. A ausência da prática do estado vibracional (EV) não permite a autossustentação energética, o que mantém a consciência no *cascagrossismo* energético. A rotina estava carregada de pensenes discriminatórios, e o egocentrismo não poderia deixar de produzir omissões deficitárias, de modo que o surgimento de contrafluxos era inevitável. Porém, por conta do *cascagrossismo*, a resistência a esses contrafluxos estava suprimida.

Autoencapsulamento. Neste caso, havia o predomínio do parapsiquismo centrípeto sobre o centrífugo, em que o acoplamento energético com as consciências fica restringido. Visto que a interação entre as consciências é componente atrelado ao processo evolutivo consciencial, a sua restrição, executada por meio do isolamento e do autoencapsulamento patológicos, mostra-se como autocastração evolutiva, presumindo imaturidade no uso da inteligência evolutiva.

Holofotes. Por vezes, o autor pensava ser o único consciente e experimentador das realidades energéticas, parapsíquicas e multidimensionais em seu microcosmo social, de modo que as situações cotidianas pareciam ocorrer somente em função dele, como se houvesse holofotes a todo instante a focar a atração principal, a celebridade multidimensional. Entretanto, vivenciava apenas mínima parcela daquilo que se achava consciente, e não era capaz de enxergar claramente a própria ilusão.

Heterocríticas. O isolamento rendeu-lhe heterocríticas e questionamentos vindos de diferentes componentes do grupocarma. No entanto, aos olhos do autor, as críticas não eram valorizadas, pois se supunha provirem de consciências cegas à verdadeira realidade consciencial, as quais, portanto, não poderiam entender a posição do autor.

Precipitação. O dogmatismo, a pressa e o egoísmo impulsionaram o pesquisador a escolhas precipitadas em relação à invéxis.

Motivações. Uma das motivações para a decisão pela invéxis foi o já citado medo de se tornar incompletista existencial. Além disso, essa escolha foi embasada principalmente em uma afinidade teórica com os princípios da técnica invexológica, não possuindo o autor evidência pessoal de sua proéxis ter a inversão existencial como *cláusula pétrea*.

Negligência. No planejamento dos objetivos evolutivos pessoais, o autor negligenciou a realidade intraconsciencial e contextual da companheira evolutiva naquela ocasião, anulando de maneira rígida as aspirações e expectativas convencionais quanto à vida intrafísica. Assim, o autor tentou manter a qualquer custo o que acreditava ser a garantia de seu completismo existencial, o que culminou no término daquele relacionamento.

Autismo intelectual. Portanto, o autor era qual criança a brincar de protagonista no seu *mundo teatro*, pensando viver hígido dentro de seu isolamento inconsciente, enquanto que, de fato, encontrava-se solitário e enclausurado em *torre de marfim*, vivendo em seu mundo virtual particular, em pleno autismo intelectual.

II. VIRAGEM

Autoconhecimento. A lógica de a evolução pressupor interação com todos os tipos de consciência gerou conflitos internos, evidenciando a necessidade imprescindível da comunicação para realizar assistência. A inibição comunicativa ao falar em público, a antiga meta de reciclagem, foram reconhecidas como apenas

a *ponta do iceberg* de todo um contexto mais amplo. Desse modo, o autoisolamento tornou-se consciente e incoerente com a prática da interassistência.

Autoconscientização. Eis, na ordem de ocorrência, três aspectos que auxiliaram sobremaneira para a autoconscientização do isolamento:

1. **Heterocríticas.** As heterocríticas recebidas durante o resguardo egoico.

2. **Discriminação.** A autopercepção de que durante a convivência com os voluntários da Conscienciologia eventualmente realizava, em seu monólogo pessoal, as mesmas heterocríticas discriminadoras que eram dirigidas às consciências da Socin consideradas robotizadas. O que fez o autor questionar-se: *Sou mesmo o único dono da razão?*

3. **Término.** O término do relacionamento lançou o autor a autorreflexões profundas acerca de suas ideias e posturas.

Descrenciologia. As autorreflexões facultaram a percepção de *estar vivenciando* uma imaginação teórica e dogmática, em contraponto à teática descenciológica perante as vivências. O autor, de fato, havia assumido uma postura tal que só seria possível interagir com aqueles afins ao paradigma consciencial.

Liberdade. Há, então, o desejo de sair do mundinho pessoal consolidado e de dissolver a vidraça da re-doma que restringe o acesso à realidade. O anseio é de libertar-se, abolindo o protecionismo adotado para o resguardo do ego e desatando as amarras do isolamento, visto agora como escravidão autoinfligida.

Autoaceitação. Para tanto, faz-se necessário ocorrer a autoaceitação dos próprios limites e realidade, o que proporciona, a partir da aplicação da Verbaciologia, a autoconfiança sustentadora da subsequente exposição ao erro, viabilizando um meio de contato para a interassistência autêntica. Além disso, a autoaceitação possibilita a extinção do receio de sujeitar-se às coleiras do ego, pois existe a conscientização da realidade individual e a responsabilidade de comprometer-se com a mesma.

Autonomia. Desse modo, prescinde-se do *feedback* da sociedade apoiando a conduta individual. Basta o comprometimento evolutivo íntimo com discernimento, abertismo consciencial, descenciologia e interassistencialidade para motivar a aplicabilidade dedicada, a si, do paradigma consciencial, cessando a autovitimização ao angustiar-se pela incompreensão alheia e consolidando mais autonomia na manifestação pessoal.

Suficiência. Assim, quando surge algum interesse pela Conscienciologia de pessoas do convívio diário é dada apenas a atenção suficiente, respeitando o tempo e a sede evolutivos de cada um. Portanto, deixa-se de tentar suprir a carência de identidade de grupo pela abordagem inconveniente do paradigma consciencial com essas consciências.

Alívio. Ao alcançar maior autenticidade durante o cotidiano, as críticas direcionadas àqueles de maior intimidade diminuem, o que alivia os contrafluxos daí originados, permitindo maior liberdade para a realização dos compromissos particulares.

Responsabilidade. As mais diferentes atitudes trazem consequências nos relacionamentos interpessoais, sendo assim, importa qualificar as próprias condutas quanto à Conviviologia.

Interassistência. Cultiva-se, dessa forma, a produção de pensenes interassistenciais tomando o devido cuidado para não julgar, mas assistir. A arrogância e a indiferença outrora assumidas são substituídas pela empatia, possibilitando entendimento do contexto do outro e, por consequência, respeita suas decisões e seu modo de ser, dando atenção a aspectos que são passíveis de esclarecimento para o nível evolutivo referente.

Autorreconhecimento. O reconhecimento de ser protagonista da realidade particular, entretanto, coadjuvante do maximecanismo interassistencial, é importante na mudança do holopensene egoico para o holo-

pensene interassistencial, auxiliando a desfazer os holofotes imaginários e as características de autismo intelectual.

Respeito. Urge investir no hábito de desejar silenciosamente o melhor para todos, e de respeitar as consciências de diferentes holopenses, o que propicia o início do exercício da paradiplomacia.

Retratação. Tal hábito patrocina retratações multidimensionais com consciexes de ambientes nos quais outrora se manifestava pensenes discriminadores, o que pode render banhos energéticos pacificadores que produzem aumento da disposição para lidar com as conscins do local.

Reparação. O processo de extinção da postura cotidiana egoísta é gradativo e patrocina o ato de se autorreparar com as demais consciências, possibilitando a retratação assistencial.

Flexibilidade. A dedicação nas questões particulares se torna mais flexível. Aos poucos, é iniciada a regressão do medo de errar, e, portanto, do perfeccionismo, ao procurar se envolver com o conteúdo e não com a tecnicidade dos objetivos.

Cosmovisiologia. As demandas alheias passam a ser consideradas ao incorporá-las nas tarefas do dia a dia, auxiliando desfazer a sacralização dos próprios compromissos. Aproxima-se de um olhar cosmovisiológico, em que as questões referentes a si são trabalhadas concomitantemente às que se referem aos outros.

Disponibilidade. Surge, então, disponibilidade para as demandas alheias, asseguradas por meio dessas duas ações listadas em ordem funcional:

1. **Contexto.** O ato de atender às demandas necessárias do contexto para, somente após, iniciar o trabalho individual de interesse, evitando amarras interpessoais atravancadoras durante a realização da tarefa pessoal assumida.

2. **Obrigações.** O ato de dar *pause* nas tarefas pessoais quando necessário, e não aguardar o fim da tarefa para se posicionar perante as obrigações com os outros.

Produtividade. Dessa maneira, o cronograma pessoal passa efetivamente a se tornar produtivo, atuando ao modo de uma ferramenta evolutiva, e deixa de ser um pseudocontrole, diminuindo o número e acúmulo de omissões deficitárias.

Totalidade. A dinâmica evolutiva mostra-se mais clara. É necessário evoluir a oito, sem deixar nada para trás, abarcando todo o contexto pessoal possível.

Autossustentação. A fim de atingir essa condição, é preciso o investimento na autossustentação energética momento a momento, principalmente por meio da aplicação da *técnica dos 20 EV's diários* e do registro das quantidades de *EV's* realizados, esforçando-se no comando e percepção das mobilizações energéticas, evitando cair em puras imaginações.

Registro. O registro foi organizado de tal forma que contemplou a realização do EV de acordo com as atividades diárias. Desse modo, a planilha de registro possui as colunas correspondentes aos dias. As linhas, por sua vez, correspondem às seguintes atividades: ao entrar em vigília intrafísica; ao deixar a base física; ao entrar em ambientes; ao interagir com consciências; ao sair de ambientes; ao retornar à base física; ao realizar a *técnica da mobilização básica das energias*; ao acessar meios de informação e ao deitar-se para dormir.

Energoprofilaxia. Sendo o autodomínio energético fundamental para se sustentar nas relações interpessoais, também interessa a formação de campos energéticos na base física, potencialmente úteis para a autossustentação pensênica interassistencial diária. Os campos energéticos são formados durante a exteriorização das energias, a qual é possibilitada ao assumir a realização da *técnica da mobilização básica das energias* diariamente.

Centrifugação. O parapsiquismo começa a assumir a configuração centrífuga, em contraponto à centrípeta, e tem seu papel no autodesencapsulamento saudável e no acoplamento energético com as demais consciências.

Efeitos. Tais medidas energossomáticas possuem como efeitos o aumento da higidez holossomática; a ampliação da assistencialidade energética; a potencialização das percepções energossomáticas; e o incremento da resistência aos contrafluxos – o que promove maior manutenção de uma postura pró-evolutiva e interassistencial.

Hipótese. Talvez, como hipótese, esse isolamento possa ter temporariamente contribuído no sentido de propiciar e fortalecer um contato íntimo com as ideias conscienciológicas. No entanto, isso não justifica adotar essa maneira de ser e muito menos permanecer nela.

Compromissos. A consciência que inicia os estudos conscienciológicos e percebe que passa a assumir o resguardo egoico deve se dedicar para superá-lo o quanto antes, visto que afasta a conscin do posicionamento teático e de interações interassistenciais com outras consciências. Assim, é possível, tendo atingido satisfatoriamente a autossuperação, assumir seus possíveis compromissos multidimensionais pessoais e grupais.

Recato. A inconvivialidade deve ser substituída pelo recato evolutivo, hígido e interassistencial, em que se diminui o contato direto com o círculo de relações sociais ociosas para vivenciar com conscins e consciências diversas experiências parapsíquicas engajadas.

Sociabilidade. É preciso haurir maturidade, adquirindo a sapiência de saber o momento de ausentar-se e o de expressar-se durante as inter-relações pessoais, obtendo, assim, uma sociabilidade sadia. A fuga dos eventos mundanos deve ser descartada, buscando aproveitar tais oportunidades para realizar interações, na medida em que for possível, interassistenciais, e manter uma conectividade profícua com os componentes do grupocarma.

Eventos. A experiência capacita perceber quais eventos são passíveis de participação e o tempo adequado de permanência. O autor pôde perceber nas suas vivências, estes dois fatores, apresentados em ordem lógica, que parecem modular a participação e a permanência em eventos sociais:

1. **Autodefesa.** Participar e permanecer em determinados ambientes depende do nível de autodefesa holossomática – principalmente energética – que a conscin consegue manter, enquanto em outros ambientes sociais, sendo prudente, se possível, deixar o local quando a autodefesa se encontra aberta, momento em que se aumentam as ocorrências de acumpliciamentos com as consciências do local.

2. **Tolerância.** Também há a dependência do nível de tolerância das pessoas que o frequentam frente à presença do indivíduo com pensamentos e atitudes contrastantes com as do local.

Ferramentas. É interessante fazer uso de ferramentas para monitorar a automanifestação na convivência social. Por exemplo, a partir de autorreflexões diárias, pode-se criar um registro dos interconflitos cotidianos, e avaliar a efetividade ao manifestar-se a partir de quatro critérios: conteúdo, intenção, forma e efeito.

Etapas. Pela Conviviologia, eis quatro etapas em ordem lógica das ocorrências, sugeridas para o monitoramento da própria manifestação conviviológica:

A. **Varredura.** Ao final do dia, varrer mentalmente a qualidade das vivências experimentadas com as pessoas e auto-observar se houve conflitos.

B. **Autoanálise.** Tendo-os encontrado, a consciência se submete a uma autoavaliação visando analisar sua manifestação a partir dos quatro critérios citados.

C. Registro. Após isso, o pesquisador registra a vivência e também a sua interpretação cosmoética acerca da mesma.

D. Qualificação. Cada critério pode ser qualificado em positivo ou negativo, partindo-se da análise da própria manifestação. A fim de tornar a autoanálise próxima a uma interpretação estatística, pode-se atribuir a cada critério o valor de 25% quando positivo e nulo quando negativo, de modo que a soma dos que foram qualificados positivos gera o valor da efetividade pessoal, que teria como valor máximo 100%.

Efetividade. Atenta-se que estaria se analisando a eficiência da manifestação a sua operacionalidade, e também a eficácia, avaliada por meio do resultado ou do efeito. Analisar a operacionalidade e o resultado é avaliar o sucesso da manifestação, ou seja, a sua efetividade. Uma manifestação de efetividade ideal num conflito seria aquela em que há abordagem adequada e na qual o interlocutor, após a interação, recebe efeitos positivos em relação à evolução pessoal.

Utilidade. Analisa-se nesse registro a essência da mensagem, a qualidade da intenção, a maneira pela qual foi feita a abordagem e o resultado da manifestação. Tal ferramenta estimularia as iniciativas para a interação tarística e seria útil na detecção de acumpliciamentos de atitudes egoicas.

Oscilação. Deve haver cuidado ao se aplicar as medidas de autodesassédio, pois há a possibilidade de ocorrer um comportamento de oscilação pendular, em que, numa determinada área etológica, a consciência pode se deslocar de um extremo a outro, de maneira que dificilmente se mantenha numa posição equilibrada. No caso pessoal do autor, em se tratando da convivialidade, a partir do isolamento hipercrítico pode se translocar para o extremo oposto da integração acumpliciada e taconística.

Manutenção. É preciso cautela para evitar essa oscilação pendular, mantendo-se numa posição pró-evolutiva, o que requer planejamento momento a momento, autorreflexão para avaliar a direção dos objetivos, interassistencialidade vivenciada e a autossustentação energética cotidiana.

Egocídio. O egoísmo deve ser trabalhado aplicando-se o egocídio cosmoético, voluntário, em que a consciência realiza, pouco a pouco, o desvio centrífugo de seu centro egoísta em direção à megafaternidade libertária. Nesse sentido, importa buscar e dedicar apenas o tempo suficiente para o egocentrismo compulsório, e a maior parte restante do tempo direcionar à interassistência e à tares, visando a materialização da megagescon focada na maxiproéxis e na policarmalidade.

CONCLUSÃO

Desafios. A vivência do paradigma consciencial traz muitos desafios para a consciência, especialmente no que diz respeito à convivência com os demais.

Autocorrupção. As medidas de protecionismo do ego são pura autocorrupção. No caso do isolamento, há o resguardo da consciência em si mesma, afastando-se de seus semelhantes de modo a evitar a maturação consciencial plena.

Desperdício. Investir apenas na autoimagem egoica é desperdício de tempo e energia, demonstrando baixo nível de aplicação da inteligência evolutiva.

Interação. A interação com as consciências, por meio da interassistencialidade autêntica abole as medidas protecionistas do ego e vence a preocupação egoísta com a autoimagem.

Integração. Mostra-se essencial atingir maior nível de autoconhecimento e alcançar, com sucessivas reciclagens, o posicionamento adequado para se integrar enquanto minipeça dentro do maximecanismo interassistencial, o que se inicia nas mais simples relações diárias, para, após, atingir a policarmalidade.

O RESGUARDO EGOICO CARACTERIZA-SE EM AUTOPOSICIONAMENTO PATOLÓGICO FRENTE ÀS TAREFAS PESSOAIS PROEXOLÓGICAS, AFASTANDO A CONSCIÊNCIA PORTADORA DA INTEGRAÇÃO TEÁTICA NA PRÓPRIA CONDIÇÃO DE MINIPEÇA INTERASSISTENCIAL.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. **Almeida**, Roberto; *Auto-imagem: Abordagem Conscienciométrica*; Revista; *Conscientia*; 1 enu.; 1 esquema; V. 5; N. 2; Associação Internacional do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC); Foz do Iguaçu, PR; Abril a Junho, 2001; páginas 43 a 53.

2. **Manfro**i, Ninarosa; *Egocentrismo Ansioso*; verbete; In: **Vieira**, Waldo; *Enciclopédia da Conscienciologia Eletrônica*; CD-ROM; 2.146 verbetes; 7ª Ed.; 9.000 páginas; 352 especialidades; Associação Internacional Editares; Associação Internacional de Comunicação Conscienciológica (COMUNICONS); & Associação Internacional de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC); Foz do Iguaçu, PR; 2012, páginas 26 a 31.

3. **Mansur**, Philipe; *Recato Evolutivo*; verbete; In: **Vieira**, Waldo; *Enciclopédia da Conscienciologia Eletrônica*; CD-ROM; 2.146 verbetes; 7ª Ed.; 9.000 páginas; 352 especialidades; Associação Internacional Editares; Associação Internacional de Comunicação Conscienciológica (COMUNICONS); & Associação Internacional de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC); Foz do Iguaçu, PR; 2012, páginas 6.032 a 6.035.

4. **Vieira**, Waldo; *Análise Ecológica; Autabnegação Cosmoética; Centrifugação do Egão; Coleira do Ego; Egocarmologia; Egocentrismo Compulsório; Inconvivialidade; Reclusão Voluntária*; verbetes; In: **Vieira**, Waldo; *Enciclopédia da Conscienciologia Eletrônica*; CD-ROM; 2.146 verbetes; 7ª Ed.; 9.000 páginas; 352 especialidades; Associação Internacional Editares; Associação Internacional de Comunicação Conscienciológica (COMUNICONS) & Associação Internacional de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC); Foz do Iguaçu, PR; 2012, páginas 4 a 7; 862 a 865; 14 a 17; 1 a 4; 25 a 28; 8 a 11; 3.802 a 3.805; 6.063 a 6.065.

